



ARTIGO



Gênero e Desigualdades na Educação Profissional e Tecnológica:

Um olhar sobre a divisão sexual do trabalho

Pérsida Pereira da Silva, *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – campus Camaquã*

Daniela Medeiros de Azevedo Prates, *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – campus Charqueadas*

Resumo. O presente estudo decorre de pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica cujo escopo incide em analisar relações de trabalho e gênero no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense *Campus Camaquã*, RS. Adotou-se como procedimento metodológico entrevistas semiestruturadas com dez servidoras e foram realizadas no ano de 2022. Tal empreendimento ancora-se nas interlocuções dos estudos sobre gênero, em articulação com os estudos no campo da Educação Profissional e Tecnológica, permitindo problematizar o espaço da Educação Profissional no Brasil que, desde a sua gênese, constitui-se como “lugar masculino”. Para qualificar este estudo, partimos de autoras como Scott e Saffioti e de interlocuções com produções científicas no plano teórico-empírico para aprofundar o tema. A pesquisa permitiu inferir que as relações desiguais de poder estão presentes nos espaços da educação profissional e tecnológica e materializam-se em forma de desigualdades e opressões de gênero vivenciadas pelas servidoras.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Desigualdades. Gênero. Educação Profissional e Tecnológica.



Vozes da interlocução

Partimos do reconhecimento de que, desde sua gênese, a Educação Profissional se constitui um espaço ocupado por homens.

Para Mendes (2020), a Educação Profissional por muito tempo não propiciou a participação feminina especialmente pela maior ênfase de cursos técnicos voltados para as áreas exatas, agrárias, ou ainda a cursos vinculados ao trabalho braçal, envolvendo habilidades e conhecimentos designados como masculinos, como capacidade de raciocínio e força.

A Educação Profissional é um espaço marcado por nuances patriarcais. Patriarcado é uma palavra que designa uma formação social em que os homens detêm o poder ou em que o poder é dos homens. É sinônimo de dominação masculina ou de opressão das mulheres (Hirata; Laborie; Le Daoré; Senotier, 2009).

Através da história identificamos que ser mulher sempre significou estar em um lugar de opressão. Scott (1995), empenha-se em explicar as origens do patriarcado, dirigindo sua atenção à subordinação das mulheres e encontrando a explicação dessa subordinação na necessidade masculina de dominar as mulheres. Pontua que a desigualdade entre homens e mulheres se dá porque no patriarcado se acredita que o fator biológico determina os “dons femininos naturais” que são recebidos ao nascer mulher, como o cuidado e a “feminilidade”, o que resulta em profissões historicamente construídas como masculinas e como femininas.

Para Saffioti (1987), existem estruturas de dominação que colocam a mulher como inferior. Nas relações de trabalho, a mulher é vista como mera “ajudante” ainda que ela desempenhe as mesmas funções que o homem. Segundo a autora, o poder está concentrado nas mãos do *macho* há milênios. A divisão da população em classes faz com que haja homens que dominam outros homens e mulheres que dominam outras mulheres, mas, de modo geral, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, ou seja, na ordem de opressões dentro de cada classe social a mulher é a última colocada, e a mulher negra e pobre, mais ainda. As mulheres muitas vezes também têm sua vida reprodutiva controlada, passando por sucessivos testes de gravidez e, quando essa se comprova, são demitidas de seus empregos. Essa situação é comum para operárias, bem como em todos os ambientes de trabalho, inclusive em universidades (Saffioti, 1987).

De acordo com Saffioti (1987), é demasiadamente pesado o fardo de ser homem pois ser *macho* não significa somente ter êxito econômico,



mas conservar valores como força, razão e coragem. Ao homem é condicionado disfarçar, inibir e sufocar seus sentimentos. Assim, a luta das mulheres diz respeito também aos homens, e nesse caso, é preciso que eles conheçam as discriminações de que são alvo com frequência as mulheres. Os preconceitos e discriminações contra a mulher nascem do jogo de interesses, da defesa de privilégios, da correlação de forças político-sociais.

Da mesma maneira que não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores, a supremacia masculina exige a subordinação feminina, onde a mulher dócil e frágil é a contrapartida do homem *macho* e forte; a mulher emotiva é a outra metade do homem racional; a mulher inferior é a outra face do *macho* superior. É uma relação de dominação e exploração: procura-se pelos homens para informar-se sobre aquilo que se deseja saber, mas raramente procura-se ouvir as mulheres (Saffioti, 1987).

Assim, como mencionou Saffioti, esse modelo está presente nas universidades, ou seja, no campo da educação. Portanto, como esta pesquisa se dá na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), analisaremos produções científicas no plano teórico-empírico de pesquisadoras da Educação Profissional que tem levantado suas vozes contra o patriarcado.

Pavan (2017) em sua Dissertação sobre Perfis, Trajetórias e Relações de Gênero Na Gestão da Educação Científica, Tecnológica e Profissional de Goiás relata a dificuldade da participação feminina em instâncias deliberativas e que os espaços de deliberação são espaços de tensão onde se percebe uma relação conflituosa entre homens e mulheres confirmando, assim, o modelo patriarcal vivenciado na EPT:

Os homens demarcam o lugar da mulher como o da sensibilidade, do lanche, sentimentalidade, fragilidade por meio das piadas e comentários em tons jocosos enquanto as mulheres se posicionam de maneira firme e objetiva para serem ouvidas (Pavan, 2017, p. 205).

Mendes (2020) em sua Dissertação sobre a Participação das Mulheres na Gestão do Instituto Federal Goiano Campus Urutaí, ao longo da trajetória da instituição (1953 - 2019) declara que as mulheres foram minoria por muitas décadas na instituição. A autora analisou documentos da instituição ao longo de sua trajetória que denotaram a violência simbólica contra mulheres. Também evidencia o silenciamento das mulheres ao longo da trajetória do IF Goiano:



A Servidora 01 afirma “não há diferenciação em relação às atividades, remuneração etc.” porém ao longo do questionário, ela evidencia episódios de desrespeito como dificuldade em se fazer ser ouvida, interrupções durante a fala e relutância por parte dos colegas em aceitar suas orientações enquanto chefia (Mendes, 2020, p. 116).

A autora também comenta a dificuldade das mulheres em conciliar a maternidade com a atuação na gestão e que em algumas entrevistas ficou perceptível que as servidoras não tinham noção das violências a que estavam expostas apesar de reconhecerem “a mentalidade machista” da instituição.

Rodrigues (2021) constatou em sua pesquisa que a presença de mulheres docentes nos Institutos Federais e CEFET em 2019 era de 38,1%. Já nas universidades e faculdades públicas era de 46,1% e nas universidades e faculdades privadas era de 48,2%. Esse percentual denota que os homens ocupam as áreas técnicas da EPT. A autora explica que a carreira docente na EPT apesar de ser masculinizada apresenta oportunidades para mulheres, porém são vários os obstáculos enfrentados por elas como tensões, violências de gênero e avaliações constantes das suas capacidades de gerir e liderar.

Corso (2023) em seu estudo sobre as mulheres na gestão do IFSC constatou que os maiores desafios das servidoras eram relacionados a relações interpessoais e as maiores dificuldades eram não “serem ouvidas” e à existência de machismo. A autora enfatiza que é comum ver afirmações de que as escolas técnicas são espaços “masculinos” pela natureza dos cursos, não havendo possibilidade de as mulheres se sobressaírem “Lidei com machismo, pois atuo num ambiente majoritariamente masculino. Por vezes, fui boicotada por colegas que não aceitavam a minha presença” este é uma das várias narrativas proferidas por servidoras no decorrer do estudo da autora.

Prates e Saueressig (2024) em seu estudo sobre Mulheres na Educação Profissional e Tecnológica: violências de gênero e suas (re)configurações em uma racionalidade neoliberal associada ao conservadorismo facista, constataram que no IFSul câmpus Sapucaia do Sul, através de pesquisa realizada em 2021, as relações desiguais de poder se materializam em forma de gracejos, silenciamentos e violências.

As autoras trazem narrativas machistas no decorrer da pesquisa “Os professores fazem comentários depreciativos pras alunas, que não fariam pros alunos”; “Fiscalizam o trabalho das mulheres, mas não o dos homens. Não confiam no trabalho das mulheres” e “É urgente que algo seja feito, porque parece que os homens não sabem conviver com



pessoas. Com colegas, com alunas. Eles estão em um lugar que nada afeta, nada toca. São intocáveis”.

No estudo de Prates e Saueressig (2024) participaram servidoras docentes, técnicas administrativas e alunas. Foi verificado pelas pesquisadoras que as servidoras são desencorajadas pela instituição a fazer a denúncia sob a alegação de que “pode dar em nada”. Assim, os colegas continuam com os constrangimentos, assédios e desqualificação profissional das colegas porque estão em ambiente seguro para essas práticas.

Otte (2008) em sua Dissertação sobre Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica fez um levantamento das mulheres que foram diretoras dos centros federais de educação – CEFET de 1909 até 2008, e foram em número de 16. Esse fato atesta o perfil da Educação Profissional, que tem uma forte representatividade masculina. A autora também destaca que a presença das mulheres como docentes e técnicas administrativas se deu somente na década de 60, cinquenta anos após o início do funcionamento das instituições que deram origem ao então CEFET.

Portanto, trouxemos até aqui análises de pesquisadoras da Rede de Educação Profissional e Tecnológica sobre os enfrentamentos, percepções e desafios das servidoras dentro das instituições em que trabalham.

As análises das pesquisadoras trazem percepções de servidoras durante a trajetória da Educação Profissional até os dias atuais.

O que se confirma é um ambiente marcado pelo patriarcado, com seus preconceitos, machismos, dominação masculina e opressão das mulheres.

Assim, esses *links* ajudam a fazer a leitura atual das relações de gênero na EPT e é neste contexto que problematizamos as desigualdades de gênero na investigação que deu origem ao presente estudo que decorre de pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica e teve como objetivo analisar relações de trabalho e gênero em um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul.

Reabrindo a cena: dez vozes consoantes

No movimento de pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada com dez servidoras Docentes e Técnicas



Administrativas. O momento das entrevistas também contou com um artefato (um busto de mulher em gesso) em que as dez servidoras, no final da entrevista, foram convidadas a registrar palavras que retratassem enfrentamentos vivenciados por elas no dia a dia do câmpus.

Estes registros servem de material de análise, pois neles se encontram o desejo das servidoras por: ser valorizada; ser ouvida; pertencimento; combater o machismo; empatia e políticas públicas; igualdade; respeito; combater o preconceito; empatia e aceitação. Estudos e registros sobre as percepções das mulheres são importantes e necessários, em qualquer lugar do mundo pois o poder está nas mãos do *macho* há milênios.

As servidoras são cidadãs, e como tal, suas relações com o trabalho perpassam as atividades laborais e dizem respeito em como se posicionam no mundo, como participam politicamente como cidadãs pertencentes a um país, reivindicando seus direitos, apontando onde as relações de trabalho podem ser melhoradas, pois o local de trabalho não deve ser um lugar penoso, mas um lugar onde o trabalhador e a trabalhadora possam se sentir realizados: as relações sociais não se separam das relações de produção.

Figura 1: Imagem artefato de gesso



Fonte: Acervo pessoal da autora

Para a análise do conteúdo das entrevistas e das inscrições no artefato optamos pela abordagem indutiva-constructiva, subjetiva, ou



seja, parte da compreensão dos fenômenos: não gera hipóteses, não quantifica, não codifica e não gera tabelas previamente. Nesse método, as categorias são construídas durante a análise, reconstruindo as categorias usadas pelos sujeitos para expressarem suas próprias experiências e visão de mundo. O rigor científico é construído no processo, ou seja, emerge da análise, procurando atingir os objetivos antepostos. Sua finalidade não é testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados (MORAES, 1999).

Nesse estudo, construímos categorias de análise a partir dos registros do artefato busto de gesso. As entrevistas semiestruturadas com as servidoras foram realizadas no ano de 2022. A amostra foi bem diversificada em questões de idade, tempo de serviço no campus, cargos das técnicas administrativas e áreas das docentes.

Assim, no quadro a seguir apresentamos o desdobramento do estudo: as percepções das dez servidoras como sujeitos de direito que desejam romper com a naturalização da subserviência que lhes é imposta no dia a dia em suas relações de trabalho na EPT.

Quadro 01: Relação dos registros do artefato e narrativas

Ser ouvida	<p>Em reuniões né, às vezes a gente dá a mesma sugestão e a de outro colega é acolhida, de outro colega homem, né. E sendo que tu deu a mesma sugestão anterior, né. Ah, conforme fulano disse, agora nós vamos fazer, né.(Ana)</p> <p>Mas recentemente, tem muitos coordenadores homens, né, teve uma época ali que estavam diretor, chefe do DEPEX, chefe do DEAP, só homem. Mais os coordenadores de curso, a maioria homem, acho que só tinha uma mulher. E vê todo aquele hormônio masculino ali, a gente chega a sentir assim, o peso, se tu vai falar, parece que não tem eco o que tu fala assim. (Luisa)</p>
Igualdade	<p>No setor que a gente lida assim, não com ordem, mas com pedidos, com solicitações né, que é os terceirizados, eu noto que assim, a gente pede, a gente que é mulher pede para eles, é um jeito e se o [...] pede, eu acho que é outro. Eu já percebi isso. (Frida)</p>



	<p>Mas eu sinto isso sim em relação ao campus. Que tem essa diferença, que tem serviços de mulher e serviços de homem. (Mana)</p>
Ser valorizada	<p>Eu vejo muito dessa questão assim, ok, o homem foi lá e entregou atrasado e ok. Fez em meia horinha ali. [...] Eu pesquisei um mês né, tu tá aprendendo. Mesmo sendo um trabalho que deu mais trabalho e que eu sou novata e que isso não é muito levado em consideração, mesmo que meu trabalho tenha ficado, eu sei que ficou, bem melhor que o do colega. (Mana)</p> <p>Aí o pessoal da [...] entregava de qualquer jeito e mandavam quinhentas vezes pra eles arrumarem, e aí eu me lembro que a [...] passava pra mim e pra a [...] arrumar as [...], entendeu? Então acaba assim, tipo, além de ter essa questão parece que tem uma... não tem assim, como eu vou te dizer, parece que eles não estão tão empenhados quanto a gente né? Acaba tu ficando sobrecarregada porque tu quer ajudar as outras mulheres que estão naquela situação ali de chefia, isso pesa. (Angelina)</p>
Pertencimento	<p>Eu observo muito mais forte o lado que puxa pra formação profissional, técnica. Então isso também eu percebo nas relações, assim, uma certa... como é que eu vou explicar assim... um tipo valoração, mas enfim, existe uma presença maior dos professores da área técnica e que é uma maioria do gênero masculino, assim, né? A maioria são homens assim, então assim, tem mulheres, mas são poucas. Então assim, eu ainda tô nessa observação assim mais das relações. Já observei esse cenário de constituição do ambiente, mas tô começando a observar mais através das reuniões, dos momentos de socialização aqui mesmo no campus algumas vezes que procuram se colocar mais do que outras. (Luta)</p> <p>E agora, o que vejo, que me chamou a atenção é a quantidade de homens que a gente tem no campus e a quantidade de mulher [...] porque a gente tem muito homem, muito homem. (Frida)</p>



<p>Empatia</p>	<p>Era complicado às vezes até eu vir na reunião porque era um momento que não tinha ninguém pra me cobrir, não tinha ninguém para ficar em casa [...] e daí foi dito pra gente que não podia trazer criança. (Angelina)</p> <p>Eu vejo também assim, ainda mais nós, mulheres, que trabalhamos, temos filhos, hoje a jornada é outra, o contexto é outro, o contexto de vida é outro, né? E eu vi assim, como nos cobram, principalmente naquele retorno da maternidade, né? Tem até uma frase, agora eu me esqueci que eu li esses tempos assim, a sociedade quer que a gente tenha filhos, mas nos cobram, não lembro, não vou saber, fala literal, mas nos cobram como se a gente não tivesse. Na hora do rendimento, não tem essas questões assim. (Lua)</p>
<p>Aceitação [ser aceita]</p>	<p>Então eu estranhei muito isso, daquele ambiente mais feminino, de mulheres, e afetos, pra um ambiente... Hoje eu já enxergo diferente, assim, eu já enxergo que tem as áreas, assim, que é bem separado né? (Ana)</p> <p>Eu com meus colegas eu sinto assim que eu não tenho dificuldade nenhuma. Mas assim no geral, eu senti que quando eu assumi a coordenação do setor eu senti uma certa insegurança assim por parte de outras pessoas, assim, alheias ao setor. Isso eu senti. (Joana)</p>
<p>Preconceito [combater]</p>	<p>Eu já ouvi também dentro do nosso local de trabalho, dentro do campus, que fulana seria uma excelente coordenadora, mas ela tem filhos pequenos. (Mana)</p> <p>A [...], ela tá ali, mas ela não tem filho, e ainda todo mundo diz, ah, mas é bom porque ela não tem filho. Viu? É tão introjetado, né, que a gente nem percebe, né. (Luisa)</p>
<p>Respeito</p>	<p>Essa função da TPM, é uma coisa que a gente ouve muito, tudo é TPM [...] não se pode falar uma coisinha a mais que... (Loira)</p> <p>Eu vejo quando a gente se diverge, os professores em alguma discussão, às vezes os homens tem a mania de alterar,</p>



	<p>aumentar o tom de voz, e assim, às vezes pode soar um pouco ameaçador, amedrontador, isso, né. (Lisa)</p>
<p>Combater o machismo</p>	<p>[...] era meu segundo dia de trabalho no campus e atrás desses armários estavam dois colegas [...] Estavam dialogando sobre, hoje em dia a sociedade está muito diferente, pejorativamente, e isso se devia justamente por as mulheres terem ido pro mercado de trabalho. E não é uma coisa que impactou meu trabalho hoje, mas foi um impacto muito grande, como boas-vindas. (Lisa)</p> <p>Eu já ouvi de pessoas que trabalharam com ele dizer assim, ah, ele tem essa postura fria porque ele tem medo das mulheres darem em cima dele. Vai uma mulher que é bonita ter a mesma postura... pra ver o que vão dizer dela, é totalmente o oposto. Se ela é uma mulher fria, seca, que não dá bom dia. É porque ela é bonita e não quer ser assediada pelos homens? O assunto já é outro: ou é uma frustrada, ou é mal-educada, ou é lésbica (Mana)</p>
<p>Políticas públicas [para mulheres mães]</p>	<p>As pessoas esquecem que eu sou mãe, ou parece que algumas coisas não justificam, eu não acho que eu rendo menos, eu precisei de um tempo de adaptação [...]. E essa questão daquilo que se espera de uma profissional que é mãe é uma coisa que choca muito. (Lisa)</p> <p>O mais engraçado que o momento assim da nossa vida que a gente mais percebe o peso de ser mulher é quando tem filho. (Angelina)</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos no material de estudo do artefato busto de gesso, quando relacionado às narrativas o que é esperado de uma mulher e o que se espera de um homem, a reprodução do modelo em que a mulher faz tudo com amor e perfeição, mas aos homens não lhes é incumbido, pelo pressuposto de serem homens, a perfeição. Sabemos, no entanto, que essa visão exposta poderá ser vista como suspeita de dividir a classe trabalhadora, porém, o que estamos enfatizando é que não podemos tolerar mais a reprodução do machismo, opressão e desigualdades de gênero no ambiente de trabalho.

As vozes das servidoras estão sendo silenciadas. São dilemas que envolvem a trajetória histórica da Educação Profissional como um lugar



masculino, reflexo da sociedade patriarcal. No entanto, percebemos que as servidoras escolheram não normalizar esse silenciamento. Poderiam não ter participado da entrevista, mas optaram por falar, exercendo um ato político.

Solnit (2017) dialoga sobre o silenciamento específico para as mulheres, em que se ter voz, poder falar, ser ouvida e acreditada é essencial para ser participante, ser uma pessoa com poder, com reconhecimento, chamando a atenção para o fato de que se reconheça que o silêncio é condição universal da opressão. Relata que há maneiras específicas de silenciar pessoas específicas e de que há uma cultura que esvazia o lugar de fala das mulheres, deixando claro que as vozes dos homens contam mais do que a delas. As mulheres foram silenciadas na casa de Deus, foram silenciadas no tribunal, foram excluídas dos cursos de graduação. A violência contra as mulheres muitas vezes se dá contra as vozes delas. A fala, a palavra, a voz, mudam as coisas: trazem inclusão, reconhecimento; a reumanização que anula a desumanização. Quando as palavras rompem o indizível, o que era tolerado numa sociedade às vezes passa a ser intolerável (Solnit, 2017).

Para Saffioti (1987), por via de regra, a agressividade integra o modelo do *macho*: de tomar iniciativas, assumir sempre uma posição ofensiva, ser duro, ser firme. Já à mulher impõe-se a necessidade de inibir qualquer tendência agressiva, mas deve ser dócil, passiva. Caso ela seja uma mulher “despachada” corre o risco de ser tomada como “mulher macho”. Ou seja, a mulher deve sempre ficar na sombra do homem.

Considerações finais

Constatamos pelas narrativas das servidoras Docentes e Técnicas Administrativas, que as estruturas patriarcais continuam perpetuadas na EPT.

Através dos relatos das entrevistadas, identificamos a opressão de gênero, que se dá pela forma como as mulheres são desvalorizadas nas relações de trabalho.

Identificamos nas narrativas maior cobrança do trabalho das mulheres; dificuldades das mulheres que são mães e identificamos tendências machistas de normalização do modelo de homem duro e firme e da mulher passiva e dócil.

Enfim, todas vivem umas para as outras e, assim, a leitura dos problemas de hoje pode ser a construção de um amanhã melhor.



Portanto, entendemos por oportuno divulgar, através deste artigo, essa investigação com essas dez trabalhadoras da EPT, um lugar historicamente marcado pela presença masculina e onde historicamente se percebe as marcas do patriarcado.

Referências

- CORSO, Gizelle Kaminski. *As mulheres na gestão do IFSC - câmpus Florianópolis*. Gênero. Niterói, v. 23, n. 2, p. 159-175, 1. Sem., 2023.
- HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DAORÉ, H.; SENOTIER, D. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo, SP: UNESP, 2009.
- MENDES, Mariana Lucas. *A participação das mulheres na gestão do Instituto Federal Goiano campus Urataí: uma perspectiva histórica (1953-2019)*. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal Goiano, Morrinhos, GO, 2020.
- MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf> Acesso em: 29 out. 22.
- OTTE, Janete. *Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica*. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.
- PAVAN, D. F. M. *Perfis, trajetórias e relações de gênero na gestão da educação científica, tecnológica e profissional de Goiás*. 2017. 225 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- RODRIGUES, Carolina Vergara. *Mulheres em cargos de gestão na rede de Educação Profissional e Tecnológica*. V desfazendo gênero – V seminário internacional desfazendo gênero, Online – 22 a 25 de novembro de 2021.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do Macho*. São Paulo SP: Editora Moderna, 1987.



- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & realidade. V. 20(2), p. 71-99, jul./dez., 1995.
- SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas*. 1ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.
- SAUERESSIG, G. G.; PRATES, D. M. de A. (2024). *Mulheres na Educação Profissional e Tecnológica: violências de gênero e suas (re)configurações em uma racionalidade neoliberal associada ao conservadorismo fascista*. Educação, 49(1), e12/1–26.

Gender and Inequalities in Professional and Technological Education: A look at the sexual division of labor

ABSTRACT: The present study stems from research developed in the Master's Degree in Professional and Technological Education whose scope focuses on analyzing labor and gender relations at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul *Campus Camaquã*, RS. Semi-structured *interviews with ten civil servants* were adopted as a methodological procedure and were carried out in 2022. *This enterprise is anchored in the interlocutions of gender studies, in articulation with studies in the field of Professional and Technological Education, allowing us to problematize the space of Professional Education in Brazil, which, since its genesis, has been constituted as a "masculine place". To qualify this study, we started from authors such as Scott and Saffioti and from interlocutions with scientific productions at the theoretical-empirical level to deepen the theme. The research allowed us to infer that unequal power relations are present in the spaces of professional and technological education and materialize in the form of inequalities and gender oppression experienced by female servants.*

KEYWORDS: Women. Inequalities. Gender. Professional and Technological Education.

Pérsida Pereira da Silva

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT/IFSul). Bacharela em Ciências Contábeis (UNIASSELVI). Técnica em Contabilidade e coordenadora de orçamento, contabilidade e finanças no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) campus Camaquã. Atualmente cursa Licenciatura em Ciências da Religião. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (GEPEJE/CNPq/IFSul). E-mail: persidasilva@ifsul.edu.br

Daniela Medeiros de Azevedo Prates

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral no Instituto de Ciências Sociais na Universidade de Lisboa. Possui Pós Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). É professora de



Sociologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFSul). Líder no Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (GEPEJE/CNPq/IFSul).

Recebido em: 09/06/2023

Aprovado em: 06/01/2025